

Alzemi Regis Damasceno



CRIAR E POETIZAR POR MEIO DA IMAGEM

ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA TRANSFORMANDO IDEIAS EM ARTE

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Alzemi Regis Damasceno

CRIAR E POETIZAR POR MEIO DA IMAGEM

ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA TRANSFORMANDO IDEIAS EM ARTE

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: João Augusto Cristeli de Oliveira.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Damasceno, Alzemi Regis, 1969-

Criar e poetizar por meio da imagem: Alunos transformando ideias em arte: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Alzemi Regis Damasceno. – 2015.

31f.

Orientador: João Augusto Cristeli de Oliveira.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Oliveira, João Augusto Cristeli de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Criar e poetizar por meio da imagem: Alunos transformando ideias em arte.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Criar e Poetizar por meio da imagem: Alunos transformando ideias em arte*, de autoria de Alzemi Regis Damasceno, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

João Augusto Cristeli de Oliveira (Orientador)

Gabriela Maria Garzon (Membro da banca)

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, a minha família por todo apoio e a força recebida, em especial, ao meu irmão que foi o meu grande incentivador para que eu estivesse realizando esse Curso de Especialização em Artes Visuais, às tutoras pelo carinho e dedicação, ao Mestre João Cristeli por suas orientações e ensinamentos, e também a professora Gabriela Maria Garzon.

“Com olhar viajante que tudo registra e guarda, o educador vê a paisagem pedagógica com sua beleza e com sua agrura sem perder de vista aonde quer chegar. Leva com ele seus aprendizes, curiosos pesquisadores e também aqueles que apenas “entraram no trem”. Juntos poderão trocar ideias ao final de cada dia, no diálogo sensível que aos poucos envolverá a todos, ou quase todos. A expedição ao mundo da arte, desejada e enriquecida pelos investimentos sensíveis de cada aventureiro, certamente deixará marcas. E desejo de novas aventuras, atravessando outros territórios, já que para o ser humano não deveria haver fronteiras, mas apenas horizontes”.

Mirian Celeste Martins.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre o ensino de arte em escola pública, realizado por meio de atividades práticas com a intenção de despertar nos alunos o seu olhar para o mundo, ao criar e poetizar arte por meio da imagem. Considerando o professor um mediador na aprendizagem do aluno, respeitando e incentivando a sua forma de exprimir o que sente, pensa e vê. Para que os educandos se sintam capazes de transformar ideias em uma arte visível aos nossos olhos, portanto, valorizando a sua própria poética pessoal.

Palavras-chaves: Olhar, poetizar, arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho de aluna da E.M. Conde Pereira Carneiro.....	19
Figura 2 - Releitura de alunos da E.M. Conde Pereira Carneiro.....	19
Figura 3 - Texturas e colagens de alunos da E.M. Conde Pereira Carneiro.....	19
Figura 4 - Linhas visuais e traços - Papel dobrado e amassado.....	20
Figura 5 - Linhas imaginárias - Desenhos de alunos do 8º ano.....	21
Figura 6 - Cores e formas - Desenhos de alunos do 8º ano.....	22
Figura 7 - Desenhos de Observação de alunos do 8º ano.....	22
Figura 8 - Fotos do ambiente externo da E.E. Abdias Nascimento.....	24
Figura 9 - Fotos do ambiente externo da E.E. Abdias Nascimento.....	24
Figura 10 - Fotos do ambiente interno da E.E. Abdias Nascimento.....	24
Figura 11 - Releitura - Três Grupos.....	25
Figura 12 - Releitura - Materiais diversos.....	26
Figura 13 - Releituras - Trabalhos dos alunos.....	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A ARTE DE EDUCAR	11
1.1. Um breve relato do ensino da arte	12
1.2. Comunicação e linguagem.....	14
1.4. O ensino de arte na contemporaneidade.....	15
2. A ARTE E SEUS CAMINHOS	17
2.1. Histórico da realidade de duas escolas públicas.....	17
2.2. E. E. Abdias Nascimento: Relato do desenvolvimento da proposta.....	19
3. A EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

O trabalho foi escrito tendo como reflexões a importância sobre a forma de olhar e ver o mundo, criar e poetizar, conforme a realidade e a vida de cada aluno. Considerando Alfredo Bossi (1988) ao dissertar que sentimos o que está a nossa volta quando o mundo nos é apresentado por meio do olhar, tornando esse olhar um elo de comunicação entre o eu e o mundo.

A presença do educador como um mediador, pesquisador e motivador na vida de seus alunos, pode gerar neles o interesse de produzir, reler e transformar ideias em arte de modo consciente.

O primeiro capítulo reflete sobre a sensibilidade dos educandos para olhar e ver o mundo a sua volta, conforme o seu pensamento, o ambiente e a sua identidade cultural. A descrição de alguns pontos da caminhada do ensino de arte ao longo dos anos. A presença fundamental do ensino da arte, por meio da comunicação e das diversas linguagens, e o ensino de arte na contemporaneidade.

No segundo capítulo relata um histórico de observação sobre duas escolas públicas. Apresentando um relato da experiência dos educandos no seu processo de observação, reflexão e produção.

O terceiro capítulo abrange os desafios encontrados nas escolas na atualidade, como: o das novas tecnologias, a falta de recursos, a indisciplina, entre outros fatores.

Educadores como Ana Mae Barbosa, Miriam Celeste, Lucia Gouvêa Pimentel, entre outros, autores contemporâneos sempre mencionam a importância de um ensino em construção, transformador, e que o conhecimento adquirido nos possibilita novos saberes. Assim como Paulo Freire (2006) afirma que não se deve transferir conhecimento, mas sim construir.

1. A ARTE DE EDUCAR

Esta pesquisa é voltada para a forma como o educando olha e vê uma imagem que pode ser uma paisagem, uma foto ou a obra de um artista. O propósito é despertar no aluno a sua capacidade de observar, sentir e refletir. Para que ele possa criar e poetizar, seja por meio de um desenho, fotografia, ou outra linguagem; produzindo a sua própria maneira de enxergar o ambiente, o mundo a sua volta.

Nem sempre os alunos costumam apreciar o que é perceptível aos nossos olhos e ouvidos. Entretanto, o tempo todo por meio das imagens, eles retratam a sua vida e o ambiente em que vivem mesmo sem perceberem. No livro *Arte e Didática*, Simone Selbach destaca que:

Todo aluno... chega à escola após múltiplos contatos com imagens, cores e luzes. Olha essas imagens, mas geralmente não as vê, pois não as percebe, uma vez que não recebeu uma educação para “saber ver”, distinguindo sensações, ideias estéticas e qualidade nas formas e nos ambientes (SELBACH, 2010, p.72).

Uma grande parte dos alunos tem dificuldade de exprimir o que pensa e sente, pois na maioria das vezes, simplesmente aprenderam a copiar ou repetir o que já existe.

Baseado nos estudos de Mirian Celeste Martins (1998) verifica-se que os alunos chegam às escolas com conceitos já pré-concebidos pelas referências pessoais e culturais de seu entorno, o que induz na sua maneira de poetizar/fruir/conhecer arte com relação ao que esta sendo observado.

No contexto do Ensino de Arte merece destaque, a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, pioneira em arte-educação. A proposta consiste em três abordagens: o contextualizar, o fazer e o apreciar uma obra de arte. “A Proposta Triangular não indica um procedimento dominante e hierárquico na combinação das várias ações e seus conteúdos”. (RIZZI, 2003, p.69)

Essa proposta sistematizada por Ana Mae, não limita de forma hierárquica o método de trabalho, mas sim proporciona uma diversidade de caminhos possíveis de serem percorridos.

Segundo Martins (1998) o professor deve preparar suas aulas e transformá-lo em um momento especial capaz de despertar no aluno sua capacidade criadora:

Cada aula, como um jogo de aprender e ensinar, é um instante mágico. Requer preparação e coordenação especiais, de mãos habilidosas que tocam, que apontam, que escolhem contextos significativos para o aprendiz tecer sua rede de significações (MARTINS, 1998, p.129).

O professor busca como pesquisador e mediador constante no processo de aprendizagem do aluno, mostrar ao mesmo, as diversas possibilidades de poetizar através do olhar, levando o aprendiz a tecer sua rede de significações.

1.2. Um breve relato do ensino de arte

Conhecer um pouco da história do ensino de arte no Brasil, não é fazer um apanhado geral, mas destacar alguns pontos sobre os caminhos trilhados pelo ensino de arte até os dias de hoje. Com isso, encontraremos referências para avançarmos na nossa experiência, na prática do dia-a-dia e na construção de novas possibilidades de aprendizagem.

Iniciaremos pelo período colonial no século XVI com a presença dos missionários jesuítas que vieram com a intenção de catequizar. É poca em que o Brasil era colonizado pelos portugueses.

Nossos artistas, todos de origem popular, mestiços em sua maioria, eram vistos pelas camadas superiores como simples artesãos, mas não só quebraram a uniformidade do barroco importação, jesuítico, apresentando contribuição renovadora, como realizaram uma arte que já poderíamos considerar como brasileira (BARBOSA, 2010, p.19).

Em 1816, D. João VI com a liderança de Lebreton trouxe um grupo de artistas franceses que ficou conhecido como Missão Artística Francesa, fundando a Academia Imperial de Belas-Artes. O estilo utilizado por esses artistas era o Neoclássico com a valorização da cópia fiel e de modelos europeus. Com isso, o Barroco Brasileiro, principalmente, em Minas Gerais que começava a exprimir os valores nacionais com a presença de Antônio Francisco Lisboa o “Aleijadinho” e Mestre Ataíde, entre outros, passaram a ser deixados de lado sendo seus trabalhos considerados pela classe burguesa como uma arte inferior, devido a muitos artistas serem mestiços.

Após a Proclamação da República em 1826, a academia passou a se chamar

Escola Nacional de Belas-Artes. Com a República e as ideias positivistas o ensino da arte deu ênfase ao desenho técnico e geométrico, e o professor era visto como o único sabedor da verdade absoluta, um ensino autoritário em que os alunos eram preparados para a vida profissional.

Nas décadas de 1950 e 1960 as escolas passaram a ter influência do movimento “Escola Nova”. No qual o ensino de arte era centrado no aluno, na liberdade de expressão, espontânea e pessoal; valorizando a sua criatividade. O que acabou por gerar um “deixa fazer”. “Esses princípios, na prática escolar, muitas vezes refletiam uma concepção espontaneísta, centrada na valorização extrema do processo sem preocupação com os seus resultados”. (MARTINS, 1998, p.11)

Em 1971 com a Lei nº 5.692 Educação Artística passa a ser obrigatório como disciplina, porém determinava a abordagem de todas as linguagens artísticas na figura de um único professor (polivalente). O que acarretou o despreparo da classe docente por não dominar com eficiência os conteúdos de música, teatro, dança e artes plásticas, ao mesmo tempo. Tudo isso ocasionou a utilização de livros didáticos, desenhos prontos, confecção de trabalhos manuais, decoração da escola, etc. Além dos trabalhos com arte serem realizados em espaços inadequados. “De fato, uma série de desvios vêm comprometendo o ensino da arte. Ainda é comum as aulas de arte serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas “sérias”. (MARTINS, 1998, p.12)

No ano de 1980 um grupo de Arte-Educadores se movimentou buscando uma conscientização da classe, através de encontros e discussões, fazendo reivindicações pela valorização do ensino da arte nas escolas. Sendo criadas as associações estaduais de arte-educadores e depois a Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB).

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, o ensino de arte, finalmente, passou a ser reconhecido como área de conhecimento e conteúdo específico por linguagem; além de obrigatório na grade curricular, nos diversos níveis da educação básica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1998 baseou-se na Abordagem Triangular sistematizado pela Ana Mae Barbosa, articulando três campos conceituais: produção, fruição e reflexão. Reconhecendo a arte,

oficialmente como um conhecimento fundamental na formação de crianças e jovens.

É importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico, ou seja, entendam que suas experiências de desenhar, cantar, dançar,... dramatizar não são atividades que visam distraí-los da "seriedade" das outras áreas (PCN,1998, p.43).

Nas escolas com o PCN e a nova LDB, o ensino de arte passou a tomar um espaço significativo no currículo escolar. O que propiciou aos educadores de arte, estimular o senso crítico do aluno no ato de criação e não mais o fazer por fazer. A arte além da cor, forma, imagem, encantamento, expressão; ela é a consciência de que nada é posto, e construído sem um objetivo. Todo ato de criação existe antes um pensamento.

Ao aprender arte na escola, o jovem poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade e da consciência do jovem, que poderá assim, compreender melhor sua inserção e participação na sociedade (PCN, 1998, p.20).

A importante inclusão nos jovens de um pensamento consciente em busca de sua identidade, sendo ele um gerador de transformações na sociedade; aliando a razão e a sensibilidade.

1.3. Comunicação e linguagem

O ser humano dispõe de vários recursos para se expressar e se comunicar. Esses recursos podem utilizar sinais de diferente natureza. Como define Celeste:

Estamos tão condicionados a pensar que linguagem é tão somente a linguagem verbal, oral ou escrita e... que ela é a única forma que usamos para saber, compreender, interpretar e produzir conhecimento no mundo, que fechamos nossos sentidos para outras formas de linguagem que, de modo não-verbal, também expressam, comunicam e produzem conhecimento (MARTINS, 1998, p.36 - 37).

A linguagem é todo o sistema organizado de sinais que serve como meio de comunicação e produção de conhecimento.

Os fenômenos da linguagem estão inseridos na diversidade de elementos expressivos, isto é, das múltiplas possibilidades de se comunicar por meio de códigos, que são de extrema importância para que a mensagem seja entendida. Para Mirian Celeste:

Vivemos em um mundo de imagens que estamos permanentemente produzindo, lendo e decodificando(...).
(...) são signos artísticos que permitem ao homem construir sua poética pessoal, seu modo singular de tornar visível seu olhar sobre o mundo (MARTINS, 1998, p.54).

Podemos comunicar por meio da linguagem oral, escrita, plástica, musical, corporal e visual, quando expressamos desejos, sentimentos, opiniões e ideias do nosso olhar sobre o mundo.

A ciência também contribui para o aperfeiçoamento dos recursos básicos de comunicação com várias descobertas que vão das mais rudimentares e mecânicas, até as novas tecnologias.

No mundo contemporâneo os recursos da era tecnológica à disposição do artista, multiplicam as possibilidades de novidades, técnicas e materiais de maneira crescente. Entretanto, cabe ao artista em seu processo criador utilizar uma ou mais linguagens para continuar comunicando ao longo do tempo.

1.3. O ensino de arte na contemporaneidade

No mundo contemporâneo o ensino se depara com os desafios da era tecnológica cada vez mais avançada. As escolas tendem a se adequar a essa realidade em que as fontes de comunicação são inúmeras e que já fazem parte da nova geração.

O processo de aprendizagem vai além da sala de aula, portanto, se faz necessário que o ensino possa adaptar-se às transformações diárias que atingem a sociedade e os próprios métodos de ensino.

(...) aulas de Artes não podem ser apenas descritivas ou...apelar para uma criatividade sem base ou uma liberdade sem critérios...não é memorizar qual ou quais artistas fizeram “o que”, “quando” e “onde”, mas ajudar o aluno a “ver e perceber” a arte, “sentir e escutá-la” e, sobretudo, acordar em si mesmo esses sentimentos, libertando-o para a ousadia de sua apresentação e autocrítica (SELBACH, 2010, p.108 - 109).

Nas aulas de artes precisa-se de professores mediadores capazes de estimularem o aluno a desenvolver sua criatividade, através do seu pensamento crítico. Para que o estudante seja capaz de conhecer, refletir e criar, não ficando

preso a teorias ou a decorar datas e nomes.

Devemos conhecer tanto os meios tradicionais quanto os meios que usam tecnologias contemporâneas, para que possamos escolher qual o mais apropriado para nossa expressão (PIMENTEL, 2003, p.114).

É importante que o professor possa conhecer e fazer uso de meios tradicionais ou das novas tecnologias que estão a nossa disposição, conforme a realidade de cada escola.

Progredimos muito nos últimos anos com relação ao ensino de arte. Porém é fundamental o educador continuar experimentando e vivenciando sempre novas fontes, recursos e técnicas para educar. Segundo FUSARI (2001, p.73) “o professor precisa descobrir quais os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e práticas de vida de seus alunos”.

O professor vive uma constante busca pela pesquisa e a melhor maneira de ensinar, sempre respeitando a autonomia e a identidade cultural do seu aluno.

Segundo Martins (2003) a construção do conhecimento, nos dias de hoje, não ocorre de forma autoritária e dominante como no ensino tradicional. Período em que só o professor era o dono da verdade absoluta, pronta e acabada. Pois o saber é construído por ambos, professor e aluno.

Não bastam informações acabadas sobre o conteúdo da matéria, pois o processo de ensino/aprendizagem só será de fato possível se os conteúdos trazidos pelos aprendizes puderem estabelecer pontes para a construção do conhecimento fabricado artesanalmente, por professores e alunos (MARTINS, 2003, p.53).

O educador deve ser um mediador no processo de ensino aprendizagem da arte, motivando os seus alunos para a leitura, a reflexão e a poetizar imagens.

O processo de criação desse trabalho tem como base fazer uso tanto da arte tradicional como das novas tecnologias, por meio da imagem do desenho e da fotografia. Para, assim incentivar no aluno o seu olhar observador e estimulá-lo a criar a sua própria poética pessoal.

2. A ARTE E SEUS CAMINHOS

A proposta de trabalhar o modo como o educando vê as imagens e o mundo consiste em levar esse aluno a criar, refletir e poetizar com um olhar consciente e transformador.

A intenção é fazer algumas reflexões e questionamentos sobre o fazer/aprender/ensinar arte, perceber o que não está dando certo e o que pode ser mudado nas aulas.

A proposta é desenvolver atividades acessíveis aos alunos, conforme a realidade e o ambiente em que vivem. Uma das fontes de referências têm sido o conhecimento teórico e experiências práticas adquiridas no curso de Especialização em Artes Visuais.

2.1. Histórico da realidade de duas escolas públicas

Desde o ano de 2008, trabalho com turmas de duas Escolas Públicas. Uma do Governo do Estado do Rio de Janeiro - Escola Estadual Abdias Nascimento - que fica na Baixada Fluminense em Nova Iguaçu e outra da Prefeitura do município do Rio de Janeiro - Escola Municipal Conde Pereira Carneiro.

As duas escolas vivem realidades bem diferentes, na escola do Estado os alunos são mais frequentes, cada um tem seu próprio material e respeitam um pouco mais o âmbito escolar. Os alunos da prefeitura costumam não ter os materiais básicos, na maioria das vezes, porque não cuidam dos seus próprios pertences, são estudantes mais agressivos e faltosos.

Na maior parte das escolas, os espaços são dispostos de forma tradicional em que os alunos ficam um atrás do outro, não existe uma sala específica para as aulas de arte e normalmente os espaços são limitados ao ambiente fechado. A escola do Estado fica em uma área mais residencial e a da prefeitura próxima de comunidades em constantes confrontos e violência.

Na Escola Estadual Abdias Nascimento uma das maiores dificuldades é com o uso do espaço e de materiais básicos como suporte. Há um tempo, atrás, as escolas seguiam um currículo, mas o professor tinha a liberdade de escolher o

contexto mais adequado, o que possibilitava um tempo maior para produzir. Hoje o currículo mínimo limita o trabalho dos professores a alguns conteúdos teóricos como globalização, renascimento, entre outros, que se repetem em outras disciplinas.

Hoje apesar de um currículo mínimo bom, os professores ficam presos a alguns conteúdos teóricos como globalização, renascimento, entre outros, que se repetem em outras disciplinas, limitando o trabalho.

Os alunos tem uma facilidade maior em compreender o conteúdo, pois um dos fatores que colaboram para isso é que alguns alunos tem o hábito da leitura (na hora do intervalo), outros costumam levar para casa.

Na Escola Municipal Conde Pereira Carneiro é bem maior o número de alunos com notas insuficientes. Normalmente alguns fatores colaboram para que isso aconteça, como por exemplo: o ambiente em que vivem cercados por comunidades violentas, com constantes operações policiais, pais ausentes, entre outros fatores. Ocasionalmente diversas faltas desses alunos e provocando um baixo rendimento escolar. Com isso o resultado do aprendizado fica evidente e costuma ser mais negativo do que positivo.

Os alunos tem uma grande dificuldade de ler, escrever e desenhar. Por isso tudo o que se consegue desenvolver em sala de aula mesmo que pareça ser o mínimo aos nossos olhos se torna muito, porque são poucos os alunos com interesse em conhecer, aprender, trocar experiências, vivenciar.

Nos trabalhos dos educandos do 8º ano da escola municipal (fig. 1, 2 e 3) os desenhos, quase sempre, apresentam traços de crianças. De um modo geral, os trabalhos de releitura costumam ser feitos por meio de uma imagem servindo de base para recriarem. O que os alunos mais gostam de fazer são as atividades com texturas e colagem.



Figura 1 – Desenho. Aluna do 8º ano - Escola Municipal Conde Pereira Carneiro. Lápis de cor sobre papel A4. Foto da autora, 2015.



Figura 2 – Releitura. Interferência de alunos do 8º ano - Escola Municipal Conde Pereira Carneiro. Lápis sobre papel A4. Foto da autora, 2015.



Figura 3– Texturas e Colagens. Alunos do 8º ano - Escola Municipal Conde Pereira. Materiais diversos sobre papel A4. Foto da autora, 2015.

Observa-se que o ato de desenhar se faz presente com materiais diversos como o lápis, o carvão, o giz, o nanquim, a caneta, até mesmo com um graveto de madeira ou o dedo podemos desenhar na areia ou no chão. Assim como pode ser possível identificar, diferenciar, classificar, caracterizar e até registrar o nosso nome no papel.

Os alunos, na maioria das vezes, dizem que ‘não sabem desenhar’, mas retratam a sua raiva, medo, tristeza, sonhos, sua vivência em um desenho, registrando a sua maneira de ver o mundo.

A experiência de trabalho de campo foi vivenciada somente na escola do Estado com uma turma do 8º ano. Para poder testar uma metodologia que depois de aprimorada possa ser aplicada de forma mais ampla de acordo a realidade de cada uma delas.

2.2. Escola Estadual Abdias Nascimento: Relato do desenvolvimento da proposta.

Para a realização das atividades foi escolhida a turma 804 da Escola Estadual Abdias Nascimento, por ter um menor número de alunos, o que facilitou mexer com as mesas, dividir os alunos em grupos e circular pela escola. Visto que as demais turmas são cheias, apertadas, dificultando a interferência dentro da sala de aula ou um caminhar pela escola.

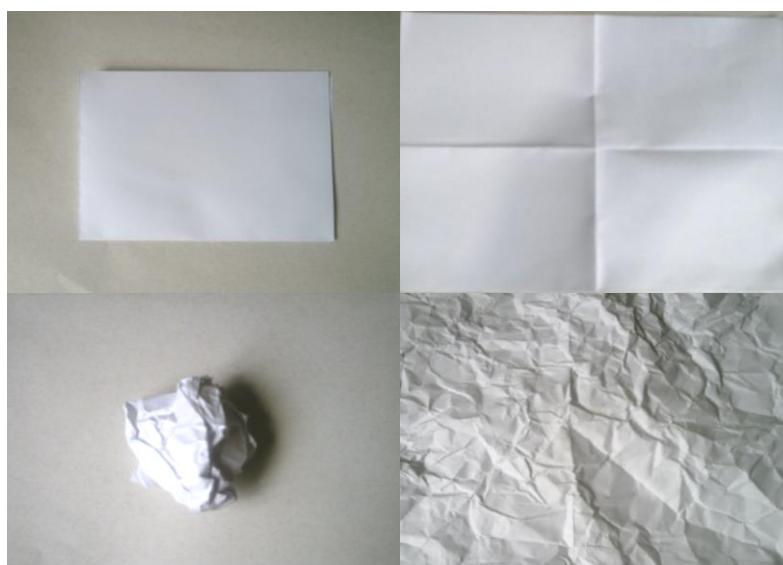
A proposta desenvolvida nesse trabalho consistiu em um conjunto de cinco atividades com alunos do 8º ano do ensino fundamental regular. As tarefas tiveram

como objetivo trabalhar com o educando a sua forma de olhar, refletir e criar sua poética pessoal. Aplicando alguns conteúdos estudados sobre: os elementos visuais, desenho figurativo e abstrato, fotografia e releitura de artistas brasileiros contemporâneos. Os alunos exercitaram e experimentaram o seu olhar observador, reflexivo e apreciador; usando diversos materiais em espaços abertos e fechados, assim como atividades individuais e em grupo.

PRIMEIRA ATIVIDADE: LINHAS ESTÁTICAS E DINÂMICAS

Conhecimentos trabalhados - Iniciou-se com o conteúdo dos elementos visuais: o ponto e a linha e suas classificações.

A primeira atividade (fig. 4), desenvolvida com os alunos, foi uma pequena experiência de criação com papel e lápis. Primeiro os alunos pegaram um papel e dobraram duas vezes ao meio, após aberto encontraram linhas e retas: vertical e horizontal que são as linhas estáticas - paradas. Em um segundo momento amassaram a folha de papel, depois abriram e visualizaram diversas linhas, curvas, sinuosas, inclinadas que são as linhas dinâmicas - em movimento. O terceiro passo foi traçar todas as linhas existentes, visíveis aos nossos olhos, com um lápis preto ou o lápis de cor.



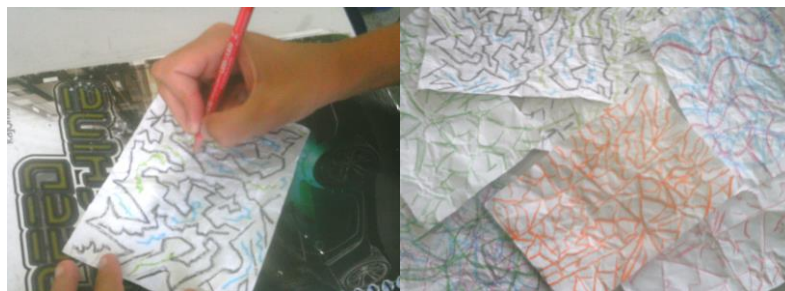


Figura 4 - Linhas visuais e traços. Linhas sobre papel dobrado e amassado. Alunos do 8º ano – E. E. Abdias Nascimento. Lápis de cor sobre papel A5. Foto da autora, 2015.

O Desenho é a arte de representar figuras reais, imaginárias ou abstratas usando os pontos, as linhas, as texturas, os sombreados com um suporte adequado e criando imagens que se encontram no pensamento.

SEGUNDA ATIVIDADE: DESENHO ABSTRATO

Conhecimentos trabalhados – O conceito de desenho abstrato foi apresentado com a utilização dos trabalhos da aula anterior.

A segunda atividade (fig. 5 e 6) foi à realização de desenhos com linhas, formas e cores. Os alunos formaram grupos, mas cada aluno desenvolveu a tarefa individualmente. Os alunos delinearam linhas, numa folha em branco, sem a preocupação de formar imagens reais, simplesmente linhas, formas e cores, desenhos abstratos.

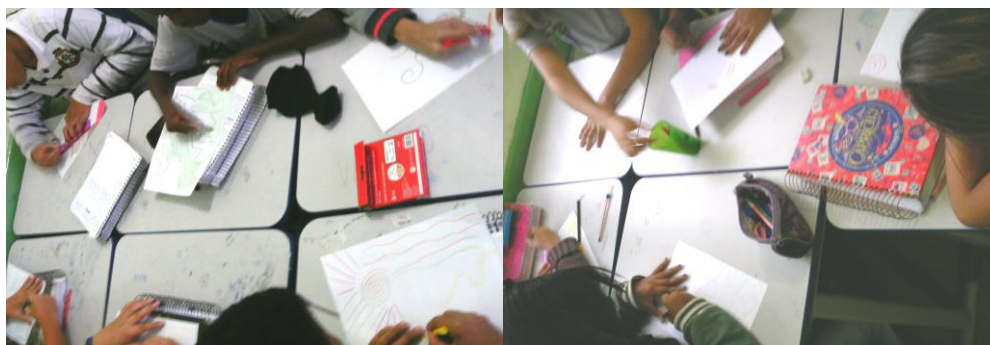


Figura 5 - Linhas imaginárias. Desenhos dos alunos do 8º ano – E. E. Abdias Nascimento. Giz de cera sobre papel A4. Foto da autora, 2015.



Figura 6 - Cores e formas. Desenhos dos alunos do 8º ano - E.E. Abdias Nascimento. Foto da autora, 2015.

TERCEIRA ATIVIDADE: DESENHO FIGURATIVO

Conhecimentos trabalhados - Os alunos tiveram o conceito de desenho figurativo, pesquisando em revistas paisagens urbanas e rurais.

A terceira atividade (fig. 7) consistiu em um exercício de percepção. Os alunos foram para o pátio ao ar livre - observar o ambiente a sua volta. Em seguida escolheram algum ponto ou local e depois esboçaram um desenho do que viam de forma mais real possível. Produzindo assim desenhos figurativos.



Figura 7 – Desenhos de observação. Alunos do 8º ano – E.E. Abdias Nascimento. Lápis sobre papel A4. Foto da autora, 2015.

O ensino de arte seja por intermédio de um desenho ou fotografia, necessariamente não precisa ficar restrito a ambientes fechados:

O cenário da aula de arte não é apenas a sala de aula,... pois a arte também é um convite para sair de suas quatro paredes. Expedições exploratórias pela escola e seus jardins,... ou pelos arredores, certamente abrirão oportunidades de olhar e escutar pelos olhos do pensamento, do sentimento, da percepção, da imaginação (MARTINS, 1998, p.146).

O professor pode proporcionar novas possibilidades que façam o educando aprender de forma lúdica, vivenciando experiências que usem a sua imaginação em outros espaços abertos.

QUARTA ATIVIDADE: FOTOGRAFIA - ambiente escolar

Conhecimentos trabalhados - Os alunos receberam o conteúdo básico de fotografia, onde houve uma discussão sobre os efeitos da luz, o enquadramento e o ambiente com algumas fotos que foram levadas pelos alunos.

A quarta atividade (fig. 8, 9 e 10) foi observar e fotografar a escola. Os alunos tiraram fotos do ambiente escolar em diversos espaços (internos e externos), registrando vários lugares da escola com uma máquina fotográfica digital e um olhar atento para captar as imagens desejadas.

Para Rodrigo Borges (2008) o mais importante não é dominar uma câmara fotográfica, mas o aprendiz desenvolver o seu olhar atento ao fotografar. Pois a beleza de uma foto acontece através de nosso olhar preciso e observador ao registrar uma imagem, seja em um dia de sol, (iluminado e claro) ou chuvoso (escuro e nublado). Essa experiência fizeram os alunos perceberem a interferência da luz e dos ambientes abertos e fechados. Portanto, aprenderem que ao fotografar nossa percepção visual do mundo e a sua representação, depende da disponibilidade e das características das fontes de luz que podem ser: naturais ou artificiais.

As fotos foram tiradas pelos alunos em dois dias com características climáticas diferentes.



Figura 8 – Fotos do ambiente externo. Fotografia do pátio e quadra da escola em dia de sol. E. E. Abdias Nascimento. Fotos dos alunos: Gabriel e Juan Carlos, 2015.



Figura 9 – Fotos do ambiente externo. Fotografia do pátio e vista da janela em dia de chuva. E. E. Abdias Nascimento. Fotos dos alunos: Lorrane e Isaque, 2015.

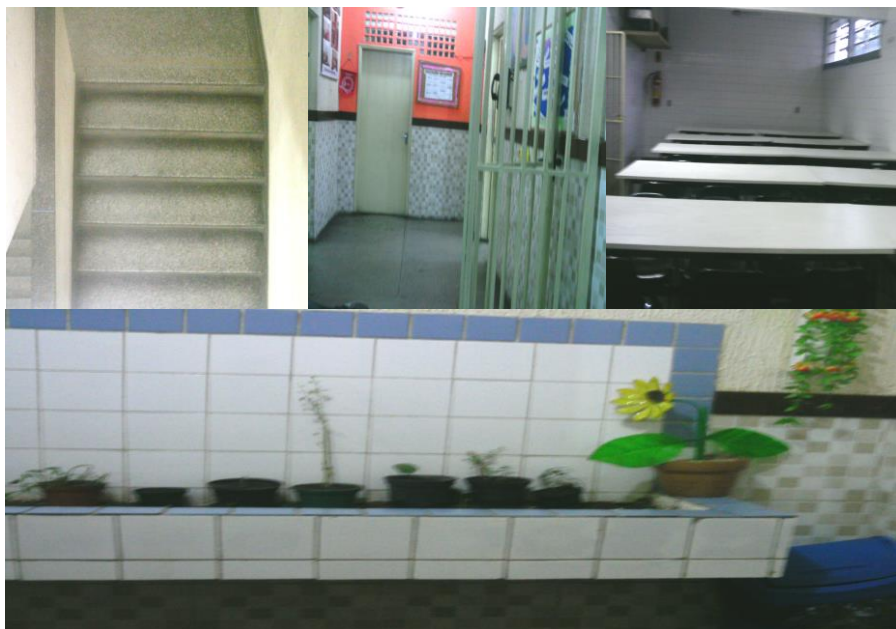


Figura 10 – Fotos do ambiente interno. Fotografia da escada, corredor, refeitório, canteiro de plantas. E. E. Abdias Nascimento. Fotos das alunas: Danielle, Bárbara, Gabriella e Vitória, 2015.

A fotografia exerce um poder mágico de retratar, expor, aparecer, divulgar uma imagem em tempo real. Na fotografia a imagem congela o movimento em um momento único e expressivo.

QUINTA ATIVIDADE: RELEITURA

Conhecimentos trabalhados - No 1º bimestre a turma já havia estudado Eduardo Kobra e o grafite, no 2º bimestre Romero Britto e o Pop Art e no 3º Bimestre trabalhamos Vik Muniz e suas obras com materiais diversificados. Então, foi realizado um debate para discutir sobre os três artistas estudados e suas técnicas, antes de iniciar a última atividade.

A quinta atividade (figura 8, 9 e 10) foi uma releitura da obra de três artistas brasileiros com um novo olhar para uma imagem já existente. Foram utilizados materiais variados à escolha de cada grupo, como: lápis de cor, giz de cera, caneta hidrográfica, papel crepom, papéis coloridos, palito de picolé, jornal, penas, canudinho, etc. A turma se dividiu em três grupos e apenas um representante de cada grupo, retirou de uma caixa surpresa a imagem que deveria ser recriada. As obras que foram dos artistas contemporâneos: Vik Muniz, Romero Britto e Eduardo Kobra.



Figura 11 – Releitura. Três grupos - imagens (Grupo 1 Romero Britto, Grupo 2 Vik Muniz e Grupo 3 Eduardo Kobra.). E. E. Abdias Nascimento. Foto da autora, 2015.



Figura 12 – Releitura. Materiais diversos - papéis coloridos, esponja, penas, EVA. Imagens dos grupos de Trabalho. E. E. Abdias Nascimento. Foto da autora, 2015.



Figura 13 – Releituras – Trabalhos de alunos do 8º ano - E. E. Abdias Nascimento. Foto da autora, 2015.

Releitura possibilita o aluno a fazer uma nova leitura interpretativa de uma obra, transformando e criando algo novo, utilizando linguagens, recursos e materiais variados, propiciando ao aluno poetizar por meio de uma imagem.

O trabalho foi concluído com uma conversa informal e apreciação dos trabalhos realizados, discutindo as descobertas de cada um e do grupo.

3. A EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI

O ensino enfrenta desafios com relação a diversos pontos: currículo, materiais, recursos, o uso das novas tecnologias, espaços apropriados e ambientes adequados. Porém, a maior dificuldade que muitos professores estão enfrentando é a indisciplina dos alunos e a falta de acompanhamento das famílias.

Nas escolas encontramos também uma grande diversidade cultural, faixas etárias diferentes cursando no mesmo ano, turmas cheias, alunos desmotivados e valores invertidos.

A educação esta cada vez mais voltada para quantidades e não para a qualidade do ensino. Atualmente vários estudantes que chegam ao ensino fundamental do segundo segmento ou ensino médio, não sabem escrever e nem fazer as contas básicas.

Os alunos nas aulas de arte costumam esboçar traços de linhas quase sempre tortuosas, limitados com relação ao uso das cores, sem nenhuma coordenação, entre outros fatores. Observa-se ainda a falta de leitura de textos e imagens.

O educador exerce um papel fundamental ao estimular o seu aluno a ver, perceber, sentir e ouvir. Saramago (2008) no “Ensaio sobre a Cegueira” afirma que quando não somos capazes de ver, também não sentimos, com isso vamos perdendo os sentidos.

Segundo FUZARI (2001) é essencial realizar atividades através da prática, experimentando e expressando um pensamento visual.

Um exemplo que pode ser utilizado é o ato de desenhar, porque para realizá-lo é preciso estar atento por meio de um olhar observador, fazendo um percurso visual do que se vê ou está no pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, tem sido uma tarefa de persistência dos professores levar os alunos a exprimir o que estão vendo com olhos atentos e sensíveis. Apesar de termos tantos recursos cada vez mais velozes e modernos da era virtual, o ser humano ainda vive os dilemas da incomunicabilidade.

Observa-se que temos alunos nas escolas que superam as nossas expectativas ao enfrentar suas dificuldades, demonstrando o seu interesse e esforço em aprender, porque tem sede de conhecimento.

O papel da Arte na educação esta relacionado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido ao que,... se encontrava no domínio da imaginação, da percepção... (PILLAR, 2003, p.71)

O ensino da arte serve a um campo amplo de referências, não só no campo artístico; podendo ser útil para transmitir informações por meio de signos linguísticos, matemáticos, científicos, arquitetônicos, entre outras formas. A arte possibilita ao ser humano comunicar o que se passa a sua volta com relação ao que se vê, pensa e sente, por meio de diversas linguagens.

Quando há uma troca de conhecimentos entre o professor e aluno, nesse momento surgem várias possibilidades de se criar um novo contexto, novos saberes, ou a produção de uma nova obra. Assim como Martins (1998) discute que o professor deve ser um mediador no processo de ensino e aprendizagem para que realmente aconteça a interação.

O ensino de arte exerce um papel importante no processo do aprendizado, contribuindo na formação de um aluno consciente e transformador da sociedade.

Uma sociedade que o tempo todo sofre constantes mudanças provocadas pelo próprio homem, cabe ao ensino aprimorar e atualizar o seu pensamento pedagógico e curricular, conforme a realidade de seus alunos; principalmente a arte, por intermédio dela é que o aluno aprende a exercer o seu senso crítico e potencial criativo, sem medo de expor o que sente e pensa.

Obtivemos muitas inovações no ensino de arte ao longo da história da própria arte, inclusive, com relação ao papel desempenhado pelo artista na sociedade no

mundo contemporâneo. A arte aproveita as inovações e mudanças com muita originalidade e criatividade ao longo do tempo.

Um dos grandes desafios no ensino de arte é aliar a realidade de cada escola, com a vivência dos alunos e sua leitura de mundo. Nas salas de aulas, encontramos turmas com grande diversidade cultural. Observa-se, também uma quantidade maior de alunos em um espaço apertado, normalmente com faixas etárias diferentes, cursando o mesmo ano. Assim, como o aumento do número de alunos nas escolas cada vez mais desmotivados e com valores totalmente invertidos que vem da própria família.

Os resultados das atividades realizadas em sala de aula foram positivos por conseguirem explorar espaços fora da sala de aula, e de levar o aluno a observar uma imagem ou ambiente a sua volta de forma mais consciente, quer dizer, não fazendo por fazer. Os alunos desenvolveram o trabalho demonstrando mais interesse, compartilhando com os colegas, criando sem medo de errar e expressar a sua própria poética pessoal. Assim como, transformando as suas ideias em uma arte situada ao seu tempo e a sua época, de forma crítica e transformadora.

Os professores tem a missão de unir a teoria e a prática, aliando a arte tradicional com as novas tecnologias. A função de levar os alunos a criar por meio do olhar observador, despertando sua sensibilidade e sentidos. Apresentar possibilidades de recursos e meios diversos para produzir as imagens que estão em seu pensamento e em sua volta. Realizar um trabalho mais elaborado, com um tempo hábil de ser desenvolvido passo a passo, levando os educandos a pesquisar e vivenciar experiências novas. Procurar, também fazer atividades não somente dentro de uma sala de aula, mas em espaços alternativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil - São Paulo, Perspectiva, 2010.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOSI, A. Fenomenologia do Olhar. In: Adauto Novaes. Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

COELHO, Luís Moraes; AZEVEDO, Patrícia; BAPTISTA, Paulo. Fotografia e tecnologias contemporâneas In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

COELHO, Rodrigues Borges. O desenho ou a vontade do seguinte. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Curso de especialização em ensino de artes visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FUSARI, Maria Felisminda de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar - 2ª ed. Revista – São Paulo: Cortez, 2001(Coleção Magistério 2º grau. Série Formação Geral).

MARTINS, Mirian celeste. Aquecendo uma transforma-ção: atitudes e valores no ensino de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. .

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

PILLAR, Analice Dutra. A Educação do olhar no ensino de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Tecnologias contemporâneas e o ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RIZZI, Maria Christina de Souza. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2003.

SARAMAGO, J. Ensaio sobre a Cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SELBCH, Simone (Supervisão geral) – Arte e didática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 (Coleção Como Bem Ensinar).